



## Dinâmica socioespacial e produção agrícola nos acampamentos rurais Sapucaia e Caípe, União dos Palmares, Alagoas - Brasil

### Socio-spatial dynamics and agricultural production of the Sapucaia and Caípe rural camps, União dos Palmares, Alagoas - Brazil

Orlando Angelo Neto<sup>(1)</sup>; Tania Marta Carvalho dos Santos<sup>(2)</sup>;  
Jakes Halan de Queiroz Costa<sup>(2)</sup>; Kledson Batista da Silva<sup>(4)</sup>;  
Milena da Silva Medeiros<sup>(3)</sup>; João Manoel da Silva<sup>(5)</sup>

<sup>(1)</sup>ORCID: 0000-0002-4754-6145. Técnico, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL) Campus Santana do Ipanema, Rodovia AL 130, Km 4, Nº 1609, R. Domingos Acácio, Santana do Ipanema – AL, Brasil, Endereço de E-mail: orlandoangelo96@gmail.com

<sup>(2)</sup> ORCID: 0000-0002-1816-7840 e 0000-0002-0018-9646. Professor Doutor, Campus de Engenharias e Ciências Agrárias, Universidade Federal de Alagoas, Rio Largo, Alagoas, Br 104, Mata do Rolo, Alagoas, Brasil Endereço de E-mail: tmcs@ceca.ufal.br; jakes.kakes@gmail.com

<sup>(3)</sup> ORCID: 0000-0003-0953-3041. Acadêmica do Curso de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, AC Simões, Maceió, Alagoas, Brasil, Endereço de E-mail: milenasm@hotmail.com

<sup>(4)</sup>A ORCID: 0000-0002-0587-313X. Acadêmico do Curso de Agronomia, Campus de Engenharias e Ciências Agrárias, Universidade Federal de Alagoas, Rio Largo, Alagoas, Br 104, Mata do Rolo, Alagoas, Brasil, Endereço de E-mail: kledsonb02@hotmail.com

<sup>(5)</sup>ORCID: 0000-0002-7654-5475. Discente PPG em Biotecnologia, Rede Nordeste de Biotecnologia, Instituto de Química e Biotecnologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Alagoas, Brasil, Endereço de E-mail: joao.manoel@iqb.ufal.br.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 16 de junho de 2020; Aceito em: 02 de julho de 2020; publicado em 10 de 10 de 2020. Copyright © Autor, 2020.

**RESUMO:** A Zona da Mata alagoana é uma região do estado fortemente marcada pela criação de gado de corte e monocultivo de cana-de-açúcar, sendo esta última prática uma influência dos estabelecimentos sucroalcooleiros que por muitas décadas ditaram o modo de produção agrícola do estado. Há alguns anos, esse cenário tem sido modificado devido ao fechamento de usinas sucroalcooleiras e algumas propriedades modificando seu modo de produção. Entretanto, muitas áreas antes cultivadas pela cultura acima mencionada ficaram com pausa de produção. Assim, algumas, por intermédio de movimentos sociais de luta pela terra, começaram a ser ocupadas e reivindicam o direito pela terra por meio da reforma agrária. Assim, objetivou-se por meio desse estudo compreender a dinâmica socioespacial dos acampamentos Sapucaia e Caípe, localizados às margens da BR-104 no município de União dos Palmares, Alagoas, bem como entender a produção agrícola desses assentamentos. Assim, foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa por meio de entrevistas. A pesquisa proporcionou compreender a constituição das famílias que compõem os assentamentos, as quais demonstraram a existência de um modo de organização ainda patriarcal com invisibilidade das mulheres. Ademais, observa-se também a existência de condições sub-humanas no tocante da infraestrutura. Além desses aspectos, denota-se a ausência de assistência técnica, a qual é fundamental no processo de contemplação e implementação da reforma agrária.

**PALAVRAS-CHAVE:** reforma agrária, estrutura habitacional, acampamento rural.

**ABSTRACT:** The Zona da Mata of Alagoas is a region of the state strongly marked by the creation of beef cattle and sugarcane monoculture, the latter practice being an influence of the sugar and alcohol establishments that for many decades dictated the state's agricultural production. For some years, this scenario has been modified due to the closure of sugar and alcohol mills and some properties changing their production method. However, many areas previously cultivated by the aforementioned crop have had production pauses. Thus, some, through social movements fighting for land, started to be occupied and claim the right to land through agrarian reform. Thus, the objective of this study was to understand the socio-spatial dynamics of the Sapucaia and Caípe campsites, located on the margins of BR-104 in the municipality of União dos Palmares, Alagoas, Brazil, as well to understand the agricultural production of these rural camps. Thus, a qualitative and quantitative research was carried out through interviews. The research provided an understanding of the constitution of the families that make up the camps, which demonstrated the existence of a still patriarchal mode of organization with the invisibility of women. In addition, there are also subhuman conditions regarding infrastructure. In addition to these aspects, there is a lack of technical assistance, which is fundamental in the process of contemplating and implementing land reform.

**KEYWORDS:** land reform, housing structure, rural camp.

## INTRODUÇÃO

O Estatuto da Terra apresenta a Reforma Agrária como um conjunto de medidas para o processo de distribuição de terras. Estas terras que são inicialmente improdutivas, passam a ser responsabilidade do Estado, que deve zelar para que essas cumpram o seu papel social, que é o de produzir, de modo justo e benéfico para o trabalhador e para o coletivo (INCRA, 2015).

Para tornar a terra novamente produtiva, a propriedade, normalmente um latifúndio, passa a pertencer a um grupo de trabalhadores rurais sem-terra, ao invés de concentrar-se em poder de um único indivíduo ou grupo. Mas, para que essa reforma aconteça, inicialmente os trabalhadores organizam-se em movimentos sociais para reivindicar a terra improdutiva, definindo estratégias para a ocupação.

Para tanto, os movimentos sociais de luta pela terra são uma peça fundamental para compreensão dos acampamentos rurais. Portanto, analisar os movimentos sociais tem sido um ramo debruçado em distintos paradigmas teóricos, dentre os quais se destaca o marxista, pois pode ser considerado como o que trouxe maiores contribuições para a compreensão dessa temática. Analisados sob o viés marxista, e das desenvolvidas pela Escola de Frankfurt, os movimentos sociais são entendidos como processos de lutas históricas das classes e camadas sociais em situação de subordinação e que, por sua vez, objetivam a transformação das condições da realidade social, caracterizada por carências econômicas e/ou opressão sociopolítica e cultural (GOHN, 1999; BORELLI FILHO, 2014).

Portanto, para que a reforma agrária aconteça, o trabalhador rural sem-terra precisa superar algumas etapas, iniciada com o processo de organização e mobilização dos mesmos para realizar a ocupação das terras. Essas mobilizações ocorrem geralmente durante a noite, onde os futuros acampados constroem seus abrigos provisórios, em sua maioria confeccionados com lona e alvenaria.

Essa etapa do processo de reforma agrária é crucial, visto que é o momento inicial e o mais longo, nela os acampados estão sujeitos as mais diversas intempéries climáticas, sob seus barracos. Assim, o acampamento ou pré assentamento trata-se de um movimento de pequenos produtores rurais e sem-terra que reivindicam a reforma agrária, com a construção de barracas próxima as propriedades consideradas improdutivas. Nesse momento, as pessoas vão se instalando por um tempo indeterminado, resistindo às intempéries impostas pela condição de sobrevivência, na espera da consolidação dos assentamentos (SOUSA, 2009).

Quando estabelecido o acampamento, os acampados iniciam o processo de cultivo do solo, para que assim consigam subsistir por meio da produção do próprio alimento, e para mostrar que têm capacidade de tornar a área novamente agricultável e ativamente produtiva, para tal fazem uso da agroecologia como ferramenta não somente como uma prática agrícola menos agressiva ao meio ambiente, mas emoldurada por um intenso questionamento político em relação às políticas agrícolas que são adotadas pelo Estado brasileiro, que, por sua vez, fomentavam uma agricultura de larga escala, fortemente

mecanizada, voltada para a exportação e dependente de complexos agroindustriais oligopolizados (COSTA NETO; CANAVESI, 2003; KARRIEM, 2009).

Além de todas as adversidades e lutas enfrentadas pelos acampados, ainda se encontra marcado nesses ambientes os estigmas sociais fundamentados em aspectos institucionalizados na sociedade brasileira. Dentre estes, pode-se citar as lutas de gênero e acessibilidade à educação, saneamento e infraestrutura básicos à sobrevivência do ser humano.

Na região da Zona da Mata do estado de Alagoas, parte das terras anteriormente utilizadas para cultivo da monocultura da cana-de-açúcar ou pecuária de corte, passaram por uma transformação, a partir da decadência sofrida pela indústria sucroalcooleira no estado. As terras são agora ocupadas por diversas culturas, como macaxeira, inhame, batata doce e milho, bem como pelos conhecidos “barracos de lona” onde residem os acampados a espera da reforma agrária.

Especialmente no município alagoano de União dos Palmares, destacam-se dois dentre os diversos presentes na região, são eles: Sapucaia e Caípe, localizados às margens da BR-104, em uma estratégia comumente utilizada por diversos acampamentos, a fim de que a luta pela terra seja visualizada pelos demais membros da sociedade, buscando uma compreensão e integração maior com a população, para transformação do panorama comum que busca marginalizar e macular os movimentos sociais que lutam por uma divisão mais democrática da terra. Assim, objetivou-se por meio do presente trabalho conhecer a dinâmica espacial e produtiva aprofundando-se nos traços e dificuldades da realidade dos acampados à espera da reforma agrária nas localidades de Sapucaia e Caípe.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Um dos fins da pesquisa científica é a acumulação e compreensão de determinados fatos que contribuem com sua conclusão, para o desenvolvimento social. Sellitz et al. (1975) afirmam que a pesquisa científica procura descobrir respostas para certas questões por meio da aplicação de métodos científicos.

Portanto, compreende-se enquanto método científico o conjunto de etapas sistematizadas de forma racional, onde estas permitem alcançar conhecimentos válidos e verdadeiros, o que segundo Thiollent (1998) e Marconi e Lakatos (2020), permite orientar o caminho a ser seguido pelo pesquisador, de modo a detectar erros, auxiliar nas tomadas de decisões, selecionar conceitos, técnicas e dados adequados, proporcionando correta interpretação e apresentação adequada dos fins encontrados.

Para a execução e desenvolvimento da pesquisa é necessária a determinação da abordagem teórico-metodológica a ser utilizada. As abordagens qualitativas e quantitativas de pesquisa utilizam diferentes métodos, formas e objetivos. A pesquisa qualitativa, compreende um conjunto de técnicas interpretativas que buscam descrever e decodificar determinados signos, o que possibilita expressar os sentidos do mundo social e diminuir distâncias entre os atores (pesquisador e pesquisado) (MAANEN, 1979),

entre a teoria e os dados, contexto e ação. A pesquisa qualitativa, contribui para a melhor compreensão dos fenômenos utilizando métodos racionais e intuitivos.

Com objetivo de trazer o caráter de complementariedade entre as abordagens de pesquisa, neste estudo foram utilizados os enfoques qualitativo e quantitativo. A pesquisa foi realizada nos Acampamentos Sapucaia e Caípe, ambos localizados às margens da BR 104, no município de União dos Palmares, o qual foi instituído por meio das lutas do Movimento de Luta pela Terra (MLT). A coleta de dados se deu a partir de duas etapas.

Na primeira etapa realizaram-se visitas aos acampamentos com a finalidade de obter contato com os acampados e compreender o processo de formação do acampamento bem como suas principais características e atores sociais envolvidos desde sua fundação.

A segunda etapa se deu a partir de entrevistas aos núcleos familiares, que constituiu na aplicação de 14 questionários estruturados os quais corresponderam a núcleos familiares (14 núcleos). Segundo Rover (2012) questionários são compreendidos como procedimentos metodológicos que podem produzir ótimos resultados na realização da pesquisa social, mesmo que consideradas as diferentes restrições de cada caso.

Os questionários foram instrumento para a coleta de informações referentes aos lotes, tais como composição familiar, aspectos produtivos de cada lote, destino da produção agrícola e problemas enfrentados pelas unidades familiares para manter sua produção e suas condições de vida. Subsequentemente, os dados obtidos foram tabulados e agrupados (GIL, 1999) em planilhas no *Microsoft Excel*. Os dados quantitativos foram expressos em porcentagem sobre a amostra total e os dados qualitativos, como o caso de respostas não direcionadas, foram interpretados e discutidos com base em documentação e aporte teórico específico para as temáticas abordadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os acampamentos Sapucaia e Caípe são constituídos por 56 famílias registradas, que são majoritariamente agricultores, mas, também é possível encontrar pessoas que adotam outras profissões, como mototaxista, de modo a incrementar a renda. Os acampados produzem, em sua maioria, culturas como milho, macaxeira, feijão, batata-doce, inhame e maracujá para subsistência e comercialização. O objetivo dentre os acampados é uma produção de base agroecológica, porém alguns acabam optando pelo uso de agrotóxicos, em razão, também, da ausência de assistência técnica. Vale aqui salientar que os dois acampamentos são localizados em margens opostas da BR-104 em União dos Palmares, porém, misturam-se em processo de conurbação entre os dois acampamentos, dada a proximidade entre si, devido o fato de que a ocupação se deu nas duas margens simultaneamente para os dois acampamentos.

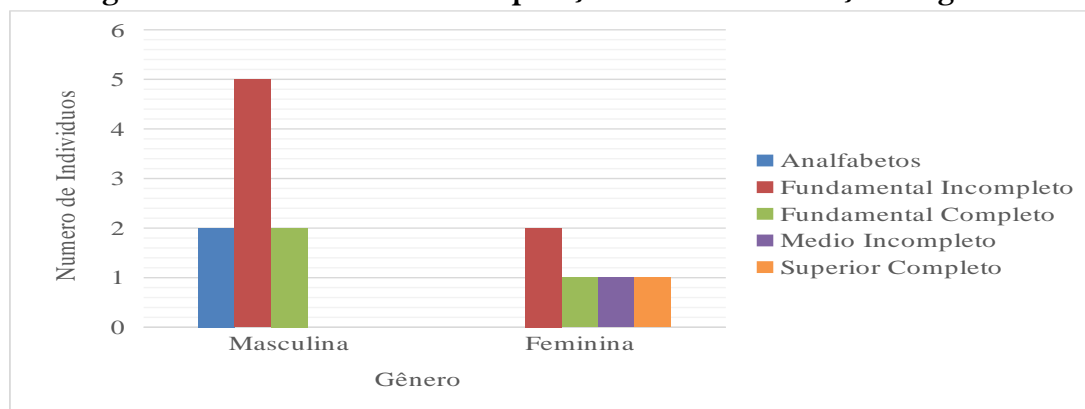
Após análise dos dados coletados foi observada prevalência do gênero feminino nas composições familiares dos acampamentos, porém, essa prevalência não reflete na

equidade de gênero. Isso de reflete quando se questiona sobre a liderança dos núcleos familiares, onde sempre se atribuem aos homens tal posição.

Esse aspecto é influenciado pela predominância do patriarcado no meio rural. Gama e Santos (2018) discorrem sobre essa característica afirmando que, sendo este ainda muito forte, constitui um caso especial de poder, caracterizado pela possibilidade de impor ao comportamento de terceiros a vontade própria (WEBER, 1991), nesse caso, o outro se compreende pela imagem do feminino, atribuindo-lhe um aspecto de subserviência. Isso se dá pelo fato de que o patriarcado está atrelado à formação da sociedade brasileira, desde sua colonização europeia, e, assim como o racismo, é um aspecto estruturalizado e, por muitas vezes, velado na sociedade, onde se necessita do enfrentamento.

Na contramão dessa discussão, encontra-se o fator escolaridade dos acampados, mostrando este que, as mulheres, possuem maior diversidade e níveis de escolaridade (Figura 1). Assim, nota-se também que o caráter patriarcal ainda arraigado no seio do mundo rural faz de muitos modos que seja apagado o feminino. No campo, a subordinação da mulher está intrinsecamente ligada à naturalização do papel do homem e da mulher relacionadas com hierarquia nas famílias rurais. Estas diferenciações são determinadas socialmente pelas representações, vivência e símbolos cotidianos da dinâmica familiar (HERRERA, 2013).

**Figura 1 – Escolaridade da composição familiar em função de gênero.**



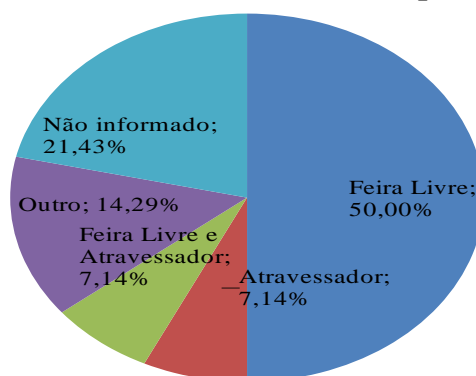
Sendo assim, as atividades produtivas da agricultura ficam a cargo do homem, enquanto o trabalho de cunho reprodutivo, cuidados domésticos, é submetido a mulher. Neves e Medeiros (2013), apontam em seu estudo que o trabalho feminino mesmo quando em setores lidos como produtivos, são considerados como uma ajuda complementar, e por vezes as mulheres rurais não são consideradas agricultoras, sendo conhecidas apenas como parentes de agricultores (mãe, filha, esposa etc.). Como explicação para essa invisibilidade Paulilo (2012) destaca a questão do acesso das mulheres aos recursos agrícolas de produção e como para que suas atividades sejam reconhecidas as mesmas devem ser comparadas às atividades exercidas pelos homens, além da ênfase nesta discussão do produtivismo que resultam em distorções para o debate de gênero na agricultura familiar.

O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra reconhece a dificuldade de abordar o tema gênero, pois se trata de concepções e valores presentes nas relações sociais cotidianas e que são considerados naturais na e pela sociedade (PESSÔA; DAL RI, 2017). Também há a dificuldade de relacionar o conceito com a realidade, pois se trata de uma abordagem nova para o velho problema da desigualdade entre homens e mulheres o que, infelizmente, ainda carece ser mais abertamente tratado nesses ambientes.

A estrutura patriarcal de dominação, se refere ao estabelecimento de vínculos pessoais entre o senhor, os demais membros da família e os servos, e tem como fundamento a autoridade do chefe da família ou comunidade doméstica. Essa autoridade se baseia na tradição, ou seja, “na crença da inviolabilidade daquilo que foi assim desde sempre e no arbítrio pessoal do senhor, sempre limitado pelas normas “sagradas pela tradição” (WEBER, 1991; REZENDE, 2015).

Com base na análise dos dados obtidos na pesquisa constatou-se que maior finalidade da produção dos acampamentos (Figura 2) é destinada à subsistência e comercialização e o menor quantitativo destinado somente à comercialização. Quanto aos métodos de comercialização, 21,3% dos entrevistados preferiram não informar.

**Figura 2 – Métodos de comercialização da produção agrícola.**



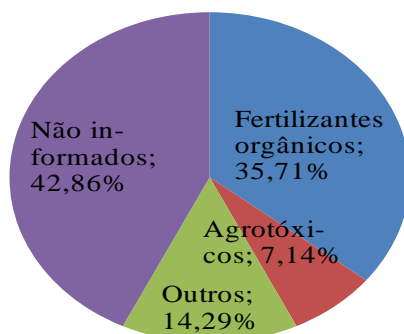
Como observado, maior parte da produção é destinada à comercialização em feiras-livres, especialmente no próprio município onde estão localizados os acampamentos. Assim, as feiras desempenham um papel muito importante na consolidação econômica e social especialmente da agricultura familiar, sendo capaz de provocar mudanças e reconversão no setor de pequenos e médios agricultores (RICOTTO, 2002). Nesse aspecto, dá-se atenção à importância da ligação entre os dois ambientes sociais havendo uma troca mútua entre os dois lados, o que faz com que seja construída uma rede.

Essa rede tem sua teia expandida por meio dos atravessadores. Esses atores estão constantemente presentes nas feiras e são citados em trabalhos, como demonstrado por Gomes, Matias e Paulino (2015). Porém, a participação destes não é concebida como benéfica para os produtores, pois sua interferência ocasiona em oneração dos produtos para o produtor final e menor rentabilidade para os produtores, uma vez que não são pagos valores justos pela produção vendida.

Nesse aspecto, é importante enfatizar a necessidade da reforma agrária, pois se torna uma necessidade social. A produção agrícola dos acampamentos e assentamentos é destinada, em boa parte, à comercialização local e seus produtos são apreciados pelas populações, porém, carece de apoio de órgãos e políticas públicas para fomentar esses produtos, pois os mesmos geram movimentação de capital sem que se perda a identidade dos acampamentos.

Isso se dá também pela constante e crescente preocupação por parte dos acampados em se instalar a produção orgânica ou agroecológica. Botton Piccin (2009) afirma que o conhecimento da agroecologia, por exemplo, é uma forma pela qual os acampados possam atribuir maior valor aos seus produtos, assim torna-os mais atrativos ao consumidor e valoriza sua produção. Esses valores de agroecologia são reforçados quando os acampados explicitam o uso de fertilizantes orgânicos (Figura 3) em contraposição à utilização de agrotóxicos.

**Figura 3 – Insumos utilizados na produção agrícola.**

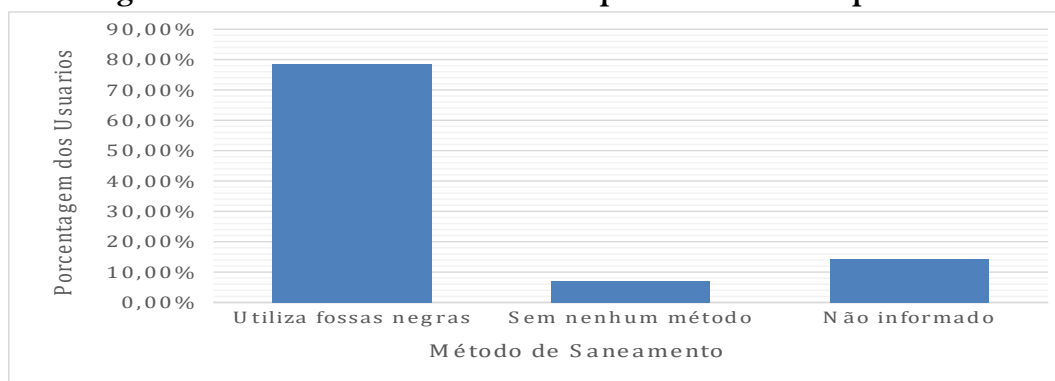


Importante frisar aqui a necessidade da compreensão dos agrotóxicos. Esses, ao longo do tempo, passaram por receber outras nomenclaturas para diminuir a percepção de impactos. Isso é refletido na população do campo, quando Almeida et al. (2018) descrevem que agricultores ainda não possuem a correta distinção de o que sejam alguns agrotóxicos e de que estes sejam efetivamente tóxicos. Assim, os autores afirmam que alguns agricultores só compreendem que uma molécula/formulação seja tóxica - um agrotóxico - quando aplicado diretamente na planta de interesse comercial e não quando se aplica sobre plantas espontâneas, por exemplo.

Uma problemática notada a partir dos dados coletados é relativa ao saneamento básico, posto que nenhuma das residências possui esgotamento sanitário, e o principal método de saneamento é por meio de fossas rudimentares, que consistem em buracos onde os dejetos são recebidos sem qualquer tipo de tratamento, estando presentes em 78,5% das casas, enquanto que em 7,14% não tem banheiro e 14,28% não informou, como exposto na figura 4, assim como dados do IBGE (2010) apontam que na zona rural da região Nordeste a população faz majoritariamente uso desse método. Essa situação leva a outro problema quando se observa que a fonte de água utilizada pelos acampados é advinda majoritariamente de nascentes e poços oriundos dos lençóis freáticos que

correm o risco de contaminação pelas fossas negras, sendo esse um caso alarmante em relação à saúde pública.

**Figura 4 – Métodos de saneamento aplicados nos acampamentos.**



Esses dados contribuem para o que diz o IBGE, onde, em 2010, cerca de 1.915.292 domicílios do País ainda não dispunha de abastecimento de água e saneamento adequado. Cerca de 1.514.992 domicílios não tinham banheiros nem sanitários e 7.218.079 lançavam seus resíduos sólidos diretamente no ambiente de forma inadequada. Essa observação é importante, uma vez que o saneamento básico é um direito constitucionalmente assegurado para a população brasileira, embora perceba-se que este encontra-se apenas em tese.

Em todo o País cerca de 73% do deficit concentrava-se na área rural, onde, aproximadamente, 8,8 milhões de brasileiros não possuíam acesso adequado ao abastecimento de água, enquanto 3,3 milhões de habitantes da área urbana encontravam-se na mesma situação (MORAES, 2017) sendo esses dados alarmantes ao se considerar a extensão geográfica ocupada pela população brasileira do campo.

Abonizio (2017) cita como uma alternativa individual capaz de eliminar o risco de contaminação do solo e da água com o esgoto doméstico, a utilização de fossa séptica. No entanto, deve-se levar em conta o custo de sua implantação, se compatível com a realidade econômica dos assentados (HOLGADO-SILVA; PADUA; CAMILO, 2014). Nesse aspecto, a ausência de saneamento mínimo nas propriedades (parcelas de terra) pode ser um reflexo da realidade econômica dos assentados.

Ademais, também se observa que 28% das residências ainda não possuem acesso à energia elétrica. Esse fator é fundamental na atualidade. Mesmo vivendo no século XXI percebe-se a ausência de infraestrutura adequada em localidades rurais, o que causa prejuízos diretos e indiretos, que vão desde acesso à informação, como também na educação de crianças, jovens e adultos.

Das famílias entrevistadas, apenas 28,57% é beneficiária de algum programa de assistência social, o que, em tese, vai de encontro ao que se concebe hegemonicamente num acampamento liderado por um movimento social de luta pela terra.

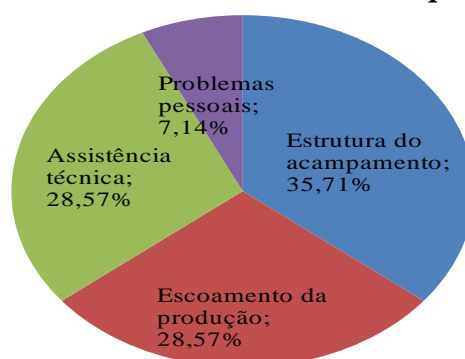
De modo geral, os acampados estão ligados aos programas de assistência do Governo Federal. Nesse âmbito, Costa e Fernandes (2012) relatam que, no estado de



Alagoas, é comum a participação dos assentados em programas como o Bolsa Família, além de que, em assentamentos e acampamentos torna-se comum a complementação de renda por meio de aposentadorias e buscam também fora do campo outras fontes de renda, o que pode ocasionar em subordinação à condições precárias de trabalho.

Neste tocante, apresenta-se aqui algumas das dificuldades encontradas pelos acampados nos referidos acampamentos (Figura 5).

**Figura 5 – Dificuldades encontradas pelos acampados.**



Dentre as dificuldades acima mencionadas, é importante analisar cada uma delas. A assistência técnica é um fator que pode ser determinante da instituição de um assentamento à *posteriori*, pois, proporciona aos acampados maior ensejo de desenvolver a sua produção agrícola, pois possui um acompanhamento técnico que propiciará melhores condições de cultivo e também de venda, onde os entrevistados expressaram que há dificuldade em escoar a produção, o que pode estar relacionado à falta de transporte e espaços fixos para as vendas, como o caso de feiras da reforma agrária, o que não tem ocorrência no município.

Quanto à estrutura do acampamento, ressalta-se aquilo já mencionado anteriormente. A fixação do acampado é uma violência social, onde os mesmos passam por várias adversidades até o momento em que sejam contemplados com a reforma agrária. Assim, manter-se acampado é uma luta diária e resistência constante na luta pelo direito à terra.

Já os problemas pessoais são peculiaridades de cada um dos assentados, que vão desde os problemas de saúde, que são agravados pela estrutura e saneamento, aos problemas pessoais advindos das inter-relações familiares e interpessoais entre os próprios acampados.

## CONCLUSÕES

Os assentamentos estudados apresentam um processo de conurbação, sendo quase que impossível a separação geográfica dos mesmos, dada a proximidade de embaralhamento dos lotes que os compõem.

Quanto às questões de gênero, ainda carecem de fomento de informações para sanar a problemática e perceber o papel das mulheres de modo igualitário, especialmente no que se trata da compreensão de liderança.

A infraestrutura frágil representa um risco à saúde dos acampados, sendo um dos maiores fatores de luta para os mesmos. Assim, a extensão rural é um dos maiores aliados para pleno desenvolvimento dos lotes, especialmente no que se trata da produção agrícola, onde se observa diversificação de produção, porém com escassez de melhores condições de produção e comercialização do que se produzem os acampados.

## REFERÊNCIAS

1. ABONIZIO, R. M. *SANEAMENTO BÁSICO NO MEIO RURAL*: um estudo em assentamento rural no interior do Paraná. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Ambiental). Universidade Tecnológica do Paraná, Campo Mourão, PR, 2017.
2. ALMEIDA, L. C.; SILVA, J. M.; NASCIMENTO, S. P. G.; ARAUJO, R. G. V.; SILVA, C. S.; LIMA, J. R. B.; CRISTO, C. C. N.; SANTOS, T. M. C.; COSTA, J. H. Q. Perfil social e percepção de feirantes sobre agricultura de base orgânica e agroecológica. *Ciência Agrícola (UFAL)*, v. 16, número suplementar, p. 71-74, 2018.
3. BERGAMASCO, S. M. P. P.; NORDER, L. A. C. *O Que são Assentamentos Rurais*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
4. BORELLI FILHO, D. A *MONOPOLIZAÇÃO TERRITORIAL E A (RE) CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO CAMPONÊS EM PROJETOS DE ASSENTAMENTO DE REFORMA AGRÁRIA*. 454f. Tese (Doutorado em Geociências) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Silva”, Rio Claro, SP, 2014.
5. BOTTON PICCIN, M. Acampamento, Agroecologia e Assentamento Rural. *Cadernos de Agroecologia*, v. 4, n. 1, [s.p.] 2009.
6. COSTA NETO, C.; CANAVESI, F. *Sustentabilidade em assentamentos rurais: o MST rumo à "reforma agrária agroecológica" no Brasil?* In: ALIMONDA, H. *Ecología política: naturaleza, sociedad y utopía*. Buenos Aires: Clacso, 2003.
7. COSTA, J. H. Q.; FERNANDES, L. A. O. *Assentamentos Rurais vinculados ao INCRA, em Alagoas, em 2012*. UFPEL: PELOTAS - RS – Brasil.
8. GAMA, L. T. S. A.; SANTOS, C. J. S. O modo de vida e a cultura campestre no povoado Serrote Grande, Craíbas/AL. *Revista Craibeiras de Agroecologia*, v. 3, n. 1, p. e6724, 2018.
9. GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5. ed., São Paulo: Atlas, 1999.
10. GOHN, M. G. A. *Abordagem marxista nos estudos sobre os movimentos sociais*. In: I COLÓQUIO MARX ENGELS, Campinas: Cemarx, Anais, pp. 1-10, 1999.
11. GOMES, A. G.; MATIAS, T. L.; PAULINO, J. S. Articulações interinstitucionais na realização de feiras agroecológicas na Microrregião de Campina Grande-PB. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional*, v. 3, n. 1, p. 103-126, 2015.
12. HERREIRA, K. M. *Uma análise do trabalho da mulher rural através da perspectiva da multifuncionalidade agrícola*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2012.

13. HOLGADO-SILVA, H. C.; PADUA, J. B.; CAMILO, L. R.; DORNELES, T. M. A qualidade do saneamento ambiental no assentamento rural Amparo no município de Dourados-MS. *Sociedade & Natureza*, v. 26, n. 3, p. 535-545, 2014.
14. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. *Reforma Agrária* – INCRA. 2015. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br>>. Acesso em: fevereiro de 2020.
15. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. 2010. *Resultados do universo do Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <[ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Resultados\\_do\\_Universo/tabelas\\_pdf/tab6.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_do_Universo/tabelas_pdf/tab6.pdf)>. Acesso em: fevereiro de 2020.
16. KARRIEM, A. The rise and transformation of the Brazilian landless movement into a counter-hegemonic political actor: a Gramscian analysis. *Geoforum*, v. 40, p. 316-325, 2009.
17. MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2020.
18. MAANEN, J. V. *Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface*. In Administrative Science Quarterly, vol. 24, n. 4, December 1979, pp. 520-526.
19. MORAIS, H. A. Espacialização e territorialização da luta pela terra e pela reforma agrária em pernambuco: um quadro atual a partir do MST. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, v. 6, n. 1, p. 5-34, 2017.
20. NEVES, D.; MEDEIROS, L. *Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos*. Niterói: Alternativa, 2013.
21. PAULILO, M. I. S. "O peso do trabalho leve". *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70, jan./fev. 1987.
22. PESSÔA, J. R.; DAL RI, N. M. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e a formação para a igualdade de gênero. *Revista Brasileira de Educação no Campo*, v. 2, n. 2, p. 581-606, 2017.
23. REZENDE, D. L. Patriarcado e formação do Brasil: uma leitura feminista de Oliveira Vianna e Sérgio Buarque de Holanda. *Pensamento Plural*, v. 17, p.7-27, 2015.
24. RICOTTO, A. J. *Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar: O caso das feiras livres de Misiones, Argentina*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 152p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
25. ROVER, J. O. O método científico em ciências sociais: dos documentos, questionários e entrevistas à análise de enunciados. *Revista Grifos*, v. 21, n. 32/33, p. 14-28, 2012.
26. SELTZ, C.; JAHODA, M.; DEUTSCH, M.; COOK, S. W. *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. 5a reimp. ed. São Paulo: E.P.U., EDUSP, 1975.
27. SOUSA, J. M. de M. *Do acampamento ao assentamento: Uma análise da Reforma Agrária e qualidade de vida em Sergipe*. 393f. Tese de Doutorado (Núcleo de pós-graduação em geografia- NPGE) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.
28. THIOLENT, M. *Metodologia Da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez, 1998.
29. WEBER, M. *Sociologia da dominação*. In: WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: UnB, 1991. p. 187-223.